



Confira a entrevista de André Cunha ao CB.Poder na íntegra

CBPODER

“ESTAVA NA HORA DE O BRASIL GANHAR”

» CARLOS SILVA

Ainda Estou Aqui conquistou o Oscar de Melhor Filme Internacional e foi tema de debate na bancada do CB.Poder, programa do Correio Braziliense em parceria com a TV Brasília. Em conversa com os jornalistas Adriana Bernardes e Ricardo Daehn, o professor André Cunha destacou a sensibilidade da obra ao abordar a ditadura militar e a importância da vitória para o

Brasil em Los Angeles. Ele ainda ressaltou a trilha sonora cuidadosamente escolhida por Walter Salles e analisou o modo como o longa aborda a ditadura militar de forma sensível. Além disso, comentou sobre as polêmicas envolvendo o lobby no Oscar e a derrota de Fernanda Torres na categoria de Melhor Atriz.

Reprodução



A SENSIBILIDADE DE AINDA ESTOU AQUI, MELHOR FILME INTERNACIONAL, AO ABORDAR A DITADURA MILITAR, E A RELEVÂNCIA PARA O BRASIL COM A VITÓRIA FORAM TEMAS DO CB.PODER, PARCERIA ENTRE O CORREIO E A TV BRASÍLIA

O que o senhor destacaria em Ainda Estou Aqui?

O filme é excelente. Acho que estava na hora de o Brasil levar um Oscar. Para nós, é fundamental, a fim de mostrar a imagem do Brasil ao mundo. Por mais que o mérito seja da equipe que fez o filme, acho que todo brasileiro se sente um pouquinho vencedor. O que mais me chamou a atenção foi o fato de o mundo conhecer um pouco da cultura brasileira, mas principalmente da nossa música. Eu chamaria atenção pelo mérito de Walter Salles em escolher a trilha sonora, que é muito legal. Fico pensando nos gringos ouvindo essa música, tendo a experiência de ouvir Tom Zé, Erasmo e Roberto Carlos, Juca Chaves, Nelson Sargento, Caetano Veloso, Gal Costa. Nós brasileiros conhecemos essa galera, mas eu fico pensando um gringo vendo o filme e dizendo: “Pera aí, que som é esse? Vou pesquisar”. Se um estrangeiro conhecer o Tom Zé, pronto. Já valeu

a divulgação no exterior, porque vende um pouco da cultura brasileira e mostra um pouco da nossa música. No filme, tem uma música linda do Erasmo Carlos que ele canta com uma voz muito doce. A música tem um arranjo belo, orquestrado de violino, com mistura de guitarra elétrica, uma melodia doce. A letra é magnífica e fala sobre inconformismo, sobre o período da ditadura, mas é atemporal.

Qual sua avaliação da escolha do filme em abordar a ditadura de forma sutil, focando no sofrimento psicológico e nas perdas, em vez de grandes arroubos?

Achei uma boa sacada do Walter Salles o fato de o filme ter um componente político bastante óbvio, mas não ser panfletário. Por mais que fique evidente toda a violência que o regime militar cometeu, não vemos palavras de ordem, mas uma mulher, viúva, lidando

com o luto. Tudo aquilo que há de abominável na violência contra Rubens Paiva é tão óbvio, que você nem precisa reiterar. Um grande mérito também foi que, geralmente, os filmes são mais interessantes quando têm uma zona cinzenta entre bem e mal. No caso desse filme, fica bastante evidente quem é o algoz, quem é a vítima. Como vamos relativizar o desaparecimento de um pai de família?

Uma das críticas feitas ao Oscar é de que é um prêmio calcado, muitas vezes, não só no mérito dos atores e da equipe, mas no lobby que a produção é capaz de fazer. O senhor concorda com isso?

O jogo é assim. Todos os produtores e diretores fazem isso. Acho uma crítica injusta a de que “Walter Salles foi aos Estados Unidos e encontrou fulano e sicrano”. Ele também tinha um objetivo em

mente e conseguiu, que era ganhar o Oscar. Esse é o tipo de filme para ganhar Oscar. Além de ser um bom filme, ele fala sobre temas visados pela premiação, como o amor da família e o papel da mãe.

Qual sua opinião sobre a questão do etarismo no Oscar, especialmente em relação à Fernanda Torres?

Acho que é muito subjetivo dizer ‘gostei mais desse, gostei mais daquele’. No caso de Melhor filme estrangeiro, acho que teve todo o mérito. Agora, no caso de Melhor atriz tirando o ufanismo de lado, outras atrizes que estavam concorrendo, principalmente Demi Moore e Miley Madison, estavam muito bem em seus respectivos papéis. O fato de Fernanda não ter ganhado Melhor atriz gerou muitos comentários na internet, como ‘marmelada’, ‘preconceito contra o Brasil’, etc. Tendo a ver como uma escolha do júri. Se acharam por bem que outra atriz merecia o prêmio, está dado. Na minha opinião particular,

dos filmes que vi, achei Demi Moore a melhor, porque o papel dela é complexo, de uma mulher que, numa idade mais avançada, luta para permanecer jovem e faz coisas extremas para isso. O filme é uma alegoria sobre isso, tanto que ela permanece uma senhora, mas outra mulher sai de dentro dela por causa da substância, daí o título do filme. Um filmaço, um filme corajoso.

Professor, o senhor pode falar um pouco sobre seu livro?

Gosto muito disso na literatura, dessa possibilidade de ser outras pessoas. No caso, do meu livro *Quem Falou?*, quem escreveu sou eu, André Cunha, mas a narradora e protagonista do livro é uma jovem jornalista de Florianópolis, Santa Catarina, na faixa dos 30 anos. Uma mulher meio doida contando suas memórias e desventuras. Fiquei muito feliz e orgulhoso que esse livro foi indicado ao Prêmio Jabuti no ano passado, na categoria de Melhor romance literário, junto com outra autora aqui do DF, Fabiane Guimarães.



“O filme é excelente. Acho que estava na hora de o Brasil levar um Oscar. Para nós, é fundamental, a fim de mostrar a imagem do Brasil ao mundo”



Vote no Prêmio #CB FOLIA!

Chegou a hora de escolher o Melhor Bloco de Rua do Carnaval de Brasília. Participe da votação e ajude a eleger o grande campeão! E tem mais: você também pode brilhar na folia! Inscreva-se na categoria de Melhor Fantasia Adulto e Infantil.

Entre na festa!

Acesse o site e as redes sociais do Correio Braziliense e viva intensamente a magia, a cultura e a alegria do Carnaval 2025!



Apoio:



Realização:

